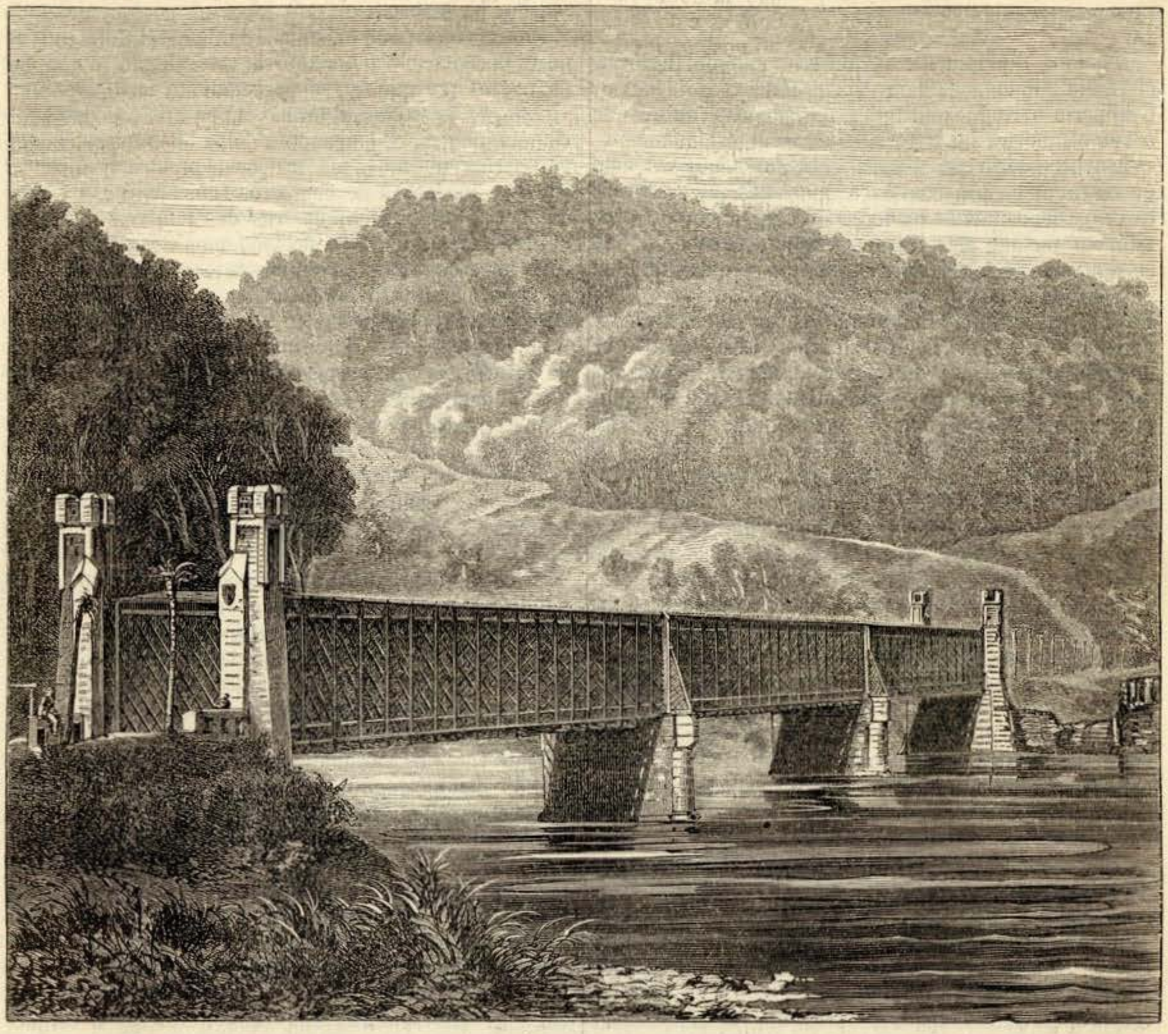


Ponte do Parahyba, no Brasil

Esta magnifica ponte está lançada sobre o rio Parahyba, a pouca distancia do sitio chamado as *Tres Barras*, onde vem lançar-se no Parahyba os rios Piabanha e Parahybuna. Foi construida pela companhia *União e Industria* para dar passagem á estrada normal de Petropolis ao Juiz de Fóra, da qual por tantas vezes nos temos occupado, e de que fallámos ainda ha pouco, tratando da *Estação d'Entre Rios* [1]. Fica a dita ponte áquem d'esta estação, para o lado de Petropolis, obra de dois kilometros.

O Parahyba tem o seu nascimento na provincia do Rio de Janeiro. Saíndo d'ella, atravessa a parte septentrional da de S. Paulo, onde descreve um vasto rodeio, em que banha muitas povoações. Torna depois a correr na provincia do Rio de Janeiro até desaguar no Oceano. Ora correndo em amplo alveo, entre dilatadas planicies; ora em estreitos valles apertados por altas montanhas; mas com margens assombradas, em todo o seu curso, de basto arvoredo, apresenta mui lindas e variadas perspectivas.

No logar em que o corta a ponte da estrada normal, formam-lhe as margens elevadas collinas vestidas de densas florestas.

A ponte é de pedra e ferro. Nas duas entradas erguem-se quatro torres quadrangulares de cantaria, que servem de ponto de suspensão á gradaria de ferro, que, ao mesmo tempo que faz guardas á ponte, lhe ajuda a sustentar o leito, tambem de ferro, e que se apoia em dois pégões de cantaria, que se levantam do meio do rio.

Esta ponte é uma das melhores obras de arte da referida estrada. Cremos que foi feita pelo sr. capitão A. M. de Oliveira Bulhões, engenheiro constructor da mesma estrada desde a cidade de Petropolis até ás margens do Parahyba. As outras secções da estrada e respectivas obras de arte, desde este ponto até ao Juiz de Fóra, foram construidas pelo sr. engenheiro J. Keller.

Ambos deram provas de muita proficiencia n'esta grande empreza, tanto pelo bem traçado da estrada por meio de um paiz tão accidentado e cortado de rios, como pela elegancia e solidez das pontes e edificios das estações.

A nossa gravura é copia de uma das photographias do album das principaes vistas pittorescas e obras de arte da mencionada estrada normal, com que o sr. João Elizario de Carvalho Montenegro mimoseou ha tempos a empreza do *Archivo Pittoresco*, e d'onde tem sido copiadas todas as gravuras, que este jornal tem publicado, respectivas áquella estrada.

I. DE VILHENA BARBOSA.

[1] Vid. pag. 217.

D. FRANCISCO DE ALMEIDA

(Vid. pag. 250)

VI

Digamos rapidamente o que era, quando D. Francisco de Almeida ganhou esta grande victoria naval, o imperio portuguez na India, e quaes os redditos que o reino auferira de tão distantes estabelecimentos.

Era necessario ser-se portuguez do seculo XVI, isto é, ter a audaciosa confiança que esses poucos aventureiros depositavam na força do seu braço, e talvez tambem na sua estrella, para se não tremer quando se punha o pé n'essa terra inimiga, no meio de uma população fremente, que só esperava um revez das nossas armas, até alli tão felizes, para se sublevar em massa e despedaçar os atrevidos estrangeiros que ousavam passar por entre elles impondo-lhes a sua vontade, como se cada portuguez podesse, a um simples aceno, fazer brotar do solo phalanges armadas que apoiassem as suas pretenções.

Os portuguezes não se apresentavam ainda com intenções conquistadoras; foi Affonso de Albuquerque o primeiro cuja ardente imaginação concebeu o vasto plano de um imperio oriental fundado pelo pequeno povo do extremo da Europa, imperio cuja cabeça seria Goa, e cujos braços potentes, cingindo com uma cadeia de esquadras as costas asiaticas, apresentariam de um lado aos persas a cidadella de Ormuz, do outro lado aos ferozes malaios a fortaleza de Malaca. Os portuguezes, no tempo de D. Francisco de Almeida, ainda não tinham tão gigantéas pretenções, queriam simplesmente ser commerciantes; mas commerciantes repellidos pela desconfiança instinctiva dos rajahs indianos, e pela rivalidade dos antigos mercadores arabicos, tinham de impor á força as suas relações commerciaes, e de presidir a cada carregação de pimenta com o mosquete em punho e a artilheria assestada.

A pimenta era a grande preoccupação dos portuguezes; aspiravam a possuirem o monopolio d'esse trafico, que até então enriquecêra Veneza; para o favorecerem haviam fundado feitorias em Cochim, Coulão e Cananor; uma grande parte dos navios das esquadras enviadas á India devia voltar carregada d'essa especiaria; faziam-se as carregações sem difficuldade em quanto os vasos portuguezes cruzavam por diante das costas, com os murrões accesos e as peças em bateria; mas apenas chegava a monção favoravel, e os navios se dispersavam, uns para voltarem á patria, outros para irem procurar as naus de Meca, os odios comprimidos principiavam a rugir, os moiros desassombrados recomeçavam a influir no animo dos chefes indiaticos, e a posição dos feitores, alojados em casas não fortificadas, protegidos por uma força diminutissima, que raras vezes subia a mais de cincoenta ou de cem homens, tornava-se verdadeiramente critica. Podêmos dizer, imitando a phrase de mr. de Salvandy, que esses valentes negociavam sobre um volcão, e não podêmos deixar de venerar os singelos heroes, que tão despreoccupadamente se deixavam ficar n'essa terra inimiga, ameaçados a cada instante pelas insurreições, antes fomentadas do que reprimidas pelos rajahs, que muito contra vontade sua haviam dado asylo a tão perigosos hospedes.

A vida d'esses homens era um continuo sobresalto; não podiam sair de casa, sem verem brilhar uma centelha de odio em cada olho negro que se fitava n'elles, sem ver contrahir-se ferozmente o rosto bronzeado de um adorador de Brahma, sem ver a mão de algum arabe apertar fremente, por baixo do branco albornoz, o cabo do punhal occulto. Não podiam deitar-se, sem receiarem que as chammas de um incendio os despertassem; não podiam comer socegados, sem temerem a cada instante que o bramido da revolta os obrigasse a deixarem os manjares em meio para lançarem mão dos arcabuzes e defenderem a vida contra uma turba furiosa.

Quasi sempre esta existencia intoleravel tinha um funesto desenlace; o feitor morria assassinado, e quando os navios portuguezes appareciam de novo, pedindo vingança, os rajahs humilhavam-se aos pés dos seus commandantes, e, lançando a culpa aos moiros, bodes emissarios de todas as traições, preferiam dizer-se fracos e incapazes de conter os seus subditos na obediencia a provocarem as iras dos temiveis vassallos del-rei D. Manuel. Não pretendemos desculpar as ferocidades dos nossos antepassados; quando a sêde do oiro substituiu a ambição da gloria, quando o fanatismo religioso accendeu em Goa as fogueiras da inquisição, é justo que inflijamos o merecido estygma na fronte dos que perpetravam esses crimes de lesa-humanidade; mas n'esta primeira epocha da conquista, se rigorosas execuções maculam a gloria de alguns vultos, não deve o historiador, verberando a crueldade dos vencedores, pôr tambem em relêvo o odio encarniçado dos vencidos, o seu resentimento implacavel e a guerra traiçoeira que promoviam aos nossos?

A estes males procurou remedio D. Manuel, ordenando que em vez das simples feitorias se fundassem fortalezas, onde os portuguezes estivessem ao abrigo dos insultos dos moiros. Uma das fortalezas devia ser fundada em Cochim, outra em Cananor. Mas era grande a opposição dos indios a este projecto, e mesmo o nosso fidelissimo alliado, o rajah de Cochim, mostrava, como depois veremos, grande repugnancia em acceder ao pedido dos portuguezes. Parecia-lhes que a creação d'esses castellos era a consagração do predominio que os christãos procuravam estabelecer, que o consentirem elles n'essa construcção equivalia a reconhecerem tacitamente a sua vassallagem, e que, se os seus novos hospedes já impunham respeito em campo aberto ou por traz das frageis paredes das feitorias, exerceriam as maiores prepotencias logo que se podessem esteiar em solidos muros, e dictar pelas bocas dos canhões das setteiras das suas fortalezas a lei aos imprudentes que em tal coisa consentissem.

Não os enganava o instincto: era bem fundada a sua repugnancia, mas a Providencia queria que o imperio lusitano chegasse ao auge da prosperidade para ser depois mais espantosa e temivel a lição.

O caso que vamos referir veiu a ponto de justificar o pedido dos portuguezes e tornar plausiveis as suas pretenções.

Quando se espalhou na India a noticia da frota que o samori de Calicut havia preparado contra os portuguezes, ninguem duvidou do exito da tentativa, e todos se julgaram livres do pesado jugo dos europeus. Os negociantes musulmanos estabelecidos em Cananor, Coulão e mesmo em Cochim, levantaram cabeça, e passaram dos murmurios á proclamação aberta contra os portuguezes. Não ousaram mais em Cananor, porque ainda estava proxima a esquadra do vice-rei, e da cidade podiam ouvir distinctamente o troar do canhão da batalha naval; em Cochim protegia os portuguezes a amizade do monarcha, mas em Coulão deram os musulmanos largas á sua furia. Julgando o vice-rei perdido, não temendo o castigo, insurgiram-se os imprudentes, e, correndo em massa á feitoria, soprenderam os poucos portuguezes que alli se abrigavam, e exterminaram-n'os, apesar da sua desesperada resistencia.

Subito espalha-se a noticia da victoria de D. Francisco; tremem os criminosos, e a rainha de Coulão (assim lhe chamam os nossos chronistas; sem um apurado estudo das instituições indianas, não é facil

conjecturar qual o verdadeiro titulo que se deva dar a esta mulher, que, segundo parece, regia então esse pequeno paiz), que provavelmente dera as mãos ao crime, recorre ao artificio habitual, mostra-se summamente indignada e dá ao vice-rei toda a casta de satisfações. Não se contentou com isso D. Francisco de Almeida, e, assim que entrou triumphante em Cochim, que era o centro do nosso poder n'essa epocha, enviou seu filho D. Lourenço a castigar o attentado. Cumpriu D. Lourenço fielmente as ordens que recebêra. Os navios dos moiros, incendiados dentro do porto de Coulão, foram os cirios com que o moço heroe illuminou as exequias dos seus compatriotas.

Eis o nobre vice-rei chegado ao auge da sua gloria; o seu nome infunde pavor a todos os chefes da costa de Malabar; vôa á fama das suas victorias ao Egypto, e sobresalta o sultão, que vê finalmente a necessidade de se oppor ás expedições dos portuguezes, que primeiro considerára ephemeras; os seus compatriotas reconhecem o seu elevadissimo genio militar e veneram a sua magnanimidade; os nossos alliados louvam a sua moderação e leal procedimento, de que dera provas em Coulão, ordenando a seu filho que respeitasse escrupulosamente os navios pertencentes aos subditos do rajah de Cochim; a sua administração habil e imparcial produz os melhores resultados, conseguindo preparar, sem exacções, a carregação mais rica do que até ahi havia noticia em Portugal; póde ropoisar no seio da sua gloria, póde esperar tranquillo as recompensas, que de certo choverão sobre elle, assim que a Portugal chegar a noticia dos seus feitos... ah! se D. Francisco de Almeida se embalasse com essas doces illusões não conheceria o caracter do seu monarcha; mas os acontecimentos não lhe consentirão que chegue mesmo a formar esses devaneios, e vão já mostrar-lhe o que tem que soffrer um homem de genio, quando o acaso do nascimento o fez dependente da mediocridade coroada e sentada no throno, incapaz de comprehender as grandes almas, e desconfiando dos grandes vultos, como quem teme vêl-os elevar-se, nos seus vôos arrojados, a regiões desconhecidas, onde o espirito acanhado os não possa acompanhar.

Supponham um bando de aguias sujeito ás ordens de um timido gerifalte, vêl-o-hão cortar-lhes a cada instante as azas para que se não elevem tanto acima d'elle, que lhes não possa seguir o vôo alteroso por entre as nuvens onde se elabora o raio.

Era chegada a monção favoravel para voltarem á patria as naus que deviam regressar a Portugal com as riquezas da India. Tratou D. Francisco de Almeida de embarcar a pimenta, que tinha com abundancia, e de prover ao mesmo tempo os seus officiaes nos diversos commandos que lhes estavam destinados. Aqui era sempre o desencadearem-se as ambições, o surgir a indisciplina motivada pela cubiça, o revelarem-se as paixões humanas d'esses heroes, que pareciam semi-deuses nas pelejas, e que depois do combate desciam muitas vezes á condição de piratas. Bem dizia D. Francisco de Almeida pedindo a el-rei que remunerasse largamente os serviços dos guerreiros, mas que lhes não permittisse mercadejarem; porque o sofrego desejo de se locupletarem não fazia senão promover a lucta e as rixas entre elles, as intrigas e a desobediencia aberta contra os seus chefes, accender, em fim, todas as más paixões que referviam no animo d'esses heroicos aventureiros.

Imaginam talvez que em terras tão distantes da metropole, aonde não podiam chegar as providencias immediatas do governo, e onde era indispensavel a união completa entre os poucos portuguezes sumidos n'esse mar de nações inimigas, imaginam que D. Manuel, percebendo isto, daria a força conveniente ao seu representante, e procuraria evitar-lhe dissabores que redundariam em prejuizo da patria? Imaginam que lhe daria poderes discricionarios, reservando-se ainda assim a fiscalisação suprema e o castigar depois as arbitrariedades, se algumas arbitrariedades tivessem commettido? Enganam-se; podiam contar com isso se o rei se chamasse ainda D. João II, o *Principe perfeito;* infelizmente, chamava-se D. Manuel, o *Venturoso;* ora, como sabem, raras vezes são os atilados os favoritos da fortuna.

Chegára, pois, como dissemos, a occasião de satisfazer as ambições dos capitães portuguezes: mas qual não foi o espanto do vice-rei quando, a cada nomeação que fazia, se essa nomeação desagradava ao interessado, o via tirar do bolso um diploma sellado com as armas reaes, em que D. Manuel, ás occultas de D. Francisco, provêra de antemão estes e aquelles officiaes nos cargos mais importantes da India. Assim, João da Nova, que de mais a mais vinha do reino apparentemente provido no posto de commandante da esquadra que devia cruzar no cabo Camorim, trazia um diploma secreto que o nomeava capitão-mór do mar da India, o posto mais importante depois do de vice-rei, que fôra promettido a D. Lourenço de Almeida; Vasco Gomes de Abreu, que devia cruzar no cabo Guardafui, trazia outro diploma secreto que o nomeava capitão-mór de outra qualquer esquadra que tivesse de andar apartada da principal. Conteve D. Francisco de Almeida a sua ira, e apenas disse, voltando-se para alguns dos fidalgos: «Muito folgára de saber que informações se dão a el-rei para que elle faça estas provisões»; depois, mostrando submetter-se ás ordens reaes, aproveitou algumas irregularidades de fórma para suspender a execução dos decretos em quanto não viesse nova decisão do reino. Isto dá motivo a que se accenda a mais furiosa intriga que é possivel imaginar-se. Vasco Gomes de Abreu e João da Nova pediram licença para voltarem á patria. Gaspar Pereira, o escrivão em que já fallámos, incitava os descontentamentos, e escrevia em segredo longas cartas para Portugal, cartas todas cheias de accusações contra D. Francisco de Almeida, o qual, dizia elle, recusava cumprir as ordens del-rei; e D. Francisco, o heroe, o triumphador, o homem cujo nome fazia tremer a India, sabedor d'estas intrigas, dissimulava, mas sentia inundarem-lhe o peito as ondas da amargura, e o seu grande espirito, pungido por estas mesquinhezas, via, talvez nas sombras do futuro, as desgraças que ameaçavam o imperio fundado por elle, desgraças que em grande parte haviam de provir d'esta politica falsa, iniqua, suspeitosa, que paralysava o poder nas mãos das auctoridades supremas, e abria campo largo ás intrigas, á indisciplina e á cubiça dos subordinados.

(Continúa) M. PINHEIRO CHAGAS.

DEVER DE CORTEZÃO

O monte Gunlo é uma pedra celebre na provincia de Junnan, no imperio da China, formada por mãos da natureza em figura de nariz humano, com duas cavernas em logar de ventas; em uma, ha uma fonte fria, e em outra, outra quente. Todo o aulico se ha de fazer por arte, como de pedra na paciencia, e immobilidade affectada, como nariz na astucia, e sagacidade para tomar os ventos. E conforme o principe está irado, ou pacato, zeloso, ou remisso, assim ha de fallar-lhe quente, ou frio. E se não gosta, nem de uma, nem de outra coisa, então tempere os registos das duas fontes um com outro, como se faz nos banhos.

P. MANUEL BERNARDES.

NAVEGAÇÃO DE VAPOR

I

Denis Papin, inventor da machina de vapor — Sua perseverança e infelicidade — O primeiro barco de vapor, destruido pelos barqueiros do Weser — James Watt, verdadeiro inventor da machina de vapor industrial — Tentativas para applicar a machina de vapor á navegação — Fulton — Seus serviços desprezados pela França e Inglaterra — Experiencias nos Estados Unidos — *Le Clermont*, primeiro vapor construido por Fulton.

Apenas a machina de vapor tomou na industria e nas officinas a posição capital, que tem notavelmente contribuido para os melhoramentos materiaes da nossa epocha, logo se pensou em utilisar tão possante motor para substituir a acção do vento ou dos remos nos barcos.

As primeiras tentativas de applicação do vapor á navegação foram feitas por Papin, physico francez, que se póde considerar como o inventor da machina de vapor. Foi em 1690 que Denis Papin apresentou a sua machina; só, porém, em 1707 é que pensou em a applicar á locomoção maritima.

Nasceu Papin em Blois, em 1645. Protestante, viu-se obrigado a emigrar em 1685, em consequencia da famosa revogação do édito de Nantes, percorrendo a Inglaterra, a Italia e a Allemanha. Foi n'este ultimo paiz que elle conseguiu executar o seu projecto de machina de vapor maritima, que, com effeito, applicou á locomoção de um pequeno barco destinado a navegar no rio Weser. A idéa de Papin era descer o rio e navegar para Inglaterra; mas o fructo dos esforços do seu genio, e o resultado dos seus trabalhos e das suas economias, foi em poucos instantes anniquilado pelo barbarismo e ignorancia dos barqueiros do Weser, os quaes destruiram o barco de vapor que elle tinha feito construir. Desde este momento Papin ficou arruinado, e viveu, á custa da Real Sociedade de Londres, entre os desgostos e a miseria. «Papin, diz Figuier, mostra-nos um dos mais notaveis exemplos do genio em lucta constante com a adversidade.»



Roberto Fulton

A machina de vapor, inventada em 1690 por Papin, só veiu a executar-se em 1698 por Newcomen e Cawley, em Inglaterra, onde foi, sobre tudo, empregada no esgotamento da agua das minas. No fim, porém, do seculo XVIII, James Watt aperfeiçoou-a e deu-lhe quasi a fórma que actualmente tem; desde então a machina de vapor, saindo das minas, onde só quasi exclusivamente era empregada, espalhou-se por toda a parte, levando a vida e a força a todas as industrias; de modo que, se se deve a Papin tão admiravel invento, Watt foi quem o vulgarisou, devendo por isso considerar-se como o verdadeiro inventor da machina de vapor industrial. Varios aperfeiçoamentos tem posteriormente experimentado esta machina, tanto na execução material como na intensidade da sua força.

Além das tentativas de Papin em 1707, várias outras foram posteriormente feitas para applicar a machina de vapor aos navios, em Inglaterra, por Dickens em 1724, Huls em 1737, Patrick Miller em 1787; em França, por Gauthier em 1753, Jouffroy em 1780; em Berne, por Genevois em 1760; na America do Norte, por Fitch e Rumsey de 1781 a 1782: mas foi Fulton que teve a gloria de resolver pratica e definitivamente o problema da navegação a vapor.

Roberto Fulton, engenheiro, nasceu no estado da Pensylvania, no condado de Lancastre, nos Estados Unidos, de paes pobres e emigrados da Irlanda. Tendo primeiro sido aprendiz de ourives em Philadelphia, depois desenhador e pintor em miniatura, partiu em 1786 para Inglaterra, onde se fez engenheiro, entregando-se á sua predilecta vocação. Desde esta epocha occupou-se Fulton incessantemente do problema da applicação das machinas de vapor á navegação.

Foi em França que Fulton encontrou Livingston, embaixador da grande republica americana em Paris, e que desde muitos annos se occupava tambem da navegação a vapor, e que tinha até auxiliado várias experiencias sobre este objecto feitas por Stevens. Apesar de ter em 1803 conseguido experimentar um pequeno barco a vapor no rio Sena, os sabios francezes não apreciaram a invenção; e Fulton, vendo-se esquecido por Napoleão, primeiro consul da republica franceza, a quem tinha offerecido os seus serviços, e que poderia tirar tão grande partido da navegação a vapor, voltou para a America.

Posto que mais ousados e menos incredulos que os europeus, os compatricios de Fulton tambem não fizeram grande acolhimento aos seus projectos; assim, conta elle proprio que em 1807, quando o primeiro barco de vapor foi construido em New-York, só achou no publico americano, tão facil em enthusiasmar-se, indifferença e desprezo.

A primeira viagem que fez o barco de vapor de Fulton foi de New-York a Albany. Poucos amigos encontrou o celebre engenheiro americano para irem de passagem no vapor. Depois de meia hora de marcha, o barco parou, sem poder continuar a navegar; Fulton desceu á machina, e viu que apenas uma peça mal ajustada o impedia de andar; no fim de poucos instantes o navio continuava a navegar, e, a final, chegou ao termo da sua viagem, sem que as testimunhas da importante e brilhante experiencia, que inaugurava uma nova phase para a navegação, se quizessem convencer da utilidade da invenção de Fulton! Duvidavam de que a experiencia se podésse fazer segunda vez! Em fim, graças aos continuados esforços de Fulton, a navegação a vapor foi adoptada nos Estados Unidos. Circunscripta a principio aos rios e lagos, em breve affrontou os mares e se espalhou pela Europa, fazendo modificar a fórma dos navios e impondo novas condições á sua construcção.

Foi a 10 de agosto de 1807 que foi lançado ao rio em New-York o primeiro barco a vapor construido por Fulton, e que se chamava *Le Clermont*. É uma epocha notavel nos fastos da navegação. Desde então os caprichos dos ventos perdem consideravelmente da sua acção sobre a duração das viagens; estas abreviam-se; e de antemão quasi que se póde predizer a epocha em que os navios movidos pelo possante motor devem chegar aos portos. Durante os oito annos seguintes, Fulton não deixou de trabalhar em aperfeiçoar e desenvolver a sua invenção, fallecendo em 1815 em New-York, depois de ter dotado a patria com um dos meios mais efficazes da sua grande prosperidade.

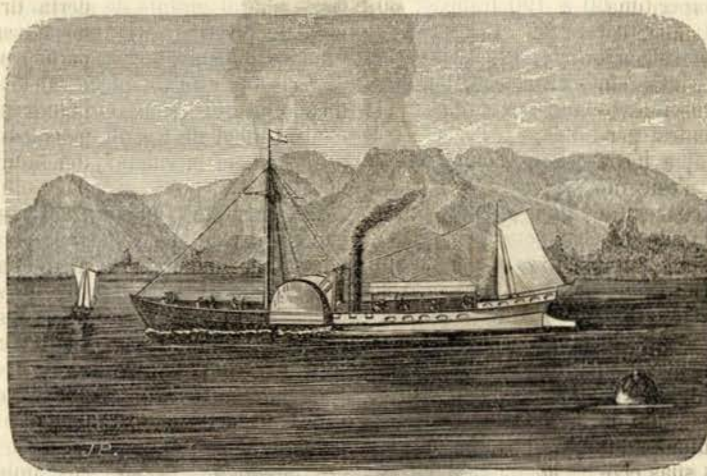
(Continúa) FRANCISCO DA FONSECA BENEVIDES.

PORTO

EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL PORTUGUEZA DE 1865

(Vid. pag. 253)

Apesar dos olhos virem afeitos a admirar os primores da ourivesaria religiosa, não deixavam de contemplar com enlêvo e curiosa attenção a egualmente magnifica e copiosa collecção de objectos fabricados e prateados pelo processo electro-chimico, nas officinas de mr. *Christofle* & *C.ª*, em Paris. Este distincto industrial foi o inventor e introductor em França d'este processo, que dá a todos os metaes a côr, o brilho, a exacta apparencia da prata, porque de prata é a camada superior de todas as peças que fabrica, e que offerecem a mesma duração que teriam se fossem massiças d'este metal precioso. Em todas as exposições onde se apresentaram estes productos foi galardoado mr. Christofle com as medalhas e distincções mais honorificas. Aquella collecção, que sobresaía principalmente pelo porte elegante das peças, e pela delicadeza, bom gosto do desenho e esmerada execução dos ornamentos, compunha-se de peças para serviço completo do almoço e do jantar, castiçaes, candelabros, escrevaninhas, bacias, jarros, etc., etc. Entre esta grande quantidade de objectos, contidos em bonitos armarios envidraçados e de feitio egual, que occupavam em um certo espaço ambos os lados da nave, muitos havia de extraordinaria perfeição e belleza, e de elevado custo, taes como vasos com variedade de figuras e de lavores para ornar o centro de mesas nos banquetes, do preço de 600 a 800$000 réis; um par de candelabros doirados, cada um d'elles composto de uma estatua, verdadeiro primor de arte, de correcção de desenho e de trabalho de cinzel, a qual sustentava umas dez ou doze velas engraçadamente dispostas, custando o par 1:600$000 réis.



Le Clermont, primeiro barco de vapor construido por Fulton nos Estados Unidos, em 1807

Além d'isto, expoz mr. Christofle, em cima de bufetes ou de pedestaes, collocados no meio da nave, entre os armarios que continham os ditos objectos, várias estatuas de bronze, de um metro de altura, pouco mais ou menos; uma estatua de Venus, de tamanho natural; em galvanoplastia, medalhas e diversos ornamentos galvanoplasticos para guarnição de moveis e armações de salas. A estatua de Venus, perfeita imitação do antigo, custava 2:000$000 réis.

As fabricas de Paris de mrs. *Louis Leon Marchand*, *Susse frères*, *Diniere fils* e *F. Barbedienne*, apresentaram uma rica e variada collecção de objectos artisticos de bronze, estatuas, bustos, vasos, urnas, taças, grandes candelabros, serpentinas, lustres, lampadas, relogios, etc., etc.

A marcenaria franceza, que figurára tão distinctamente na grande nave central, e que logo no principio d'esta nave de léste ostentára a proficiencia e o bom gosto dos artistas parisienses, tornou a offerecer á admiração dos visitantes, no centro do salão, alguns dos seus mais ricos e bellos productos. Consistiam em tres variedades de leitos, guarda-roupas com espelho, e mesas de cabeceira, de ebano marchetado de metal, e de outras madeiras com lindos embutidos multicôres.

A fabrica de encrustação de ourivesaria em loiça, de Paris, pertencente a *L. Chablin* & *C.ª*, expoz mui bonitos e valiosos productos, constando de apparelhos para serviço de chá, de café, de vinhos e licores, de lavatorio, etc., de loiça fina azul ou côr de rosa, com delicados relêvos de metal branco encrustados. Cada apparelho estava mettido em seu estojo, e custava de 100$000 réis para cima.

Eram dignos de exame e de menção especial os estojos e saccos de viagem, contendo utensilios de toucador e de costura, frasqueiras, etc., de mrs. *Midocq* & *Gaillard*, de Paris, e *Simon Schloss* & *neveu*, tambem de Paris.

As fabricas de armas francezas fizeram uma brilhante exposição dos seus productos n'esta nave de léste. D'entre os dez expositores que concorreram, os que apresentaram objectos mais notaveis foram os seguintes: mr. *Devisme*, de Paris, armas de luxo; rewolvers e carabinas de seis tiros; espingardas de salvação de naufragos e de pesca de baléa, com alcance de uns trezentos metros; balas explosivas, inventadas pelo expositor, e de grande utilidade principalmente para os caçadores de animaes ferozes, em occasião de ataque de qualquer fera. Na collecção de armas de luxo de mr. Devisme achava-se um estojo com duas pistolas riquissimas, marchetadas de prata, guarnecidas com esculpturas relevadas e vasadas, representando assumptos historicos da edade média, e com todos os seus pertences de aço e de ebano. Este par de pistolas custava 2:000$000 réis.

Mr. *F. Escoffier*, empreiteiro da fabrica imperial de armas de Ste Etienne (Loire), expoz espingardas de guerra, de caça e de luxo, pistolas e canos de aço fundidos.

Exhibiram mr. *Leopold Bernard*, de Paris, canos de espingardas adamascados, de dois tiros e de um tiro; canos de carabina raiados, etc.; e mr. *J. Gaucher*, de Ste Etienne, armas de caça e pistolas, notaveis pela sua barateza.

Acreditavam tambem a industria franceza variados objectos de passamaneria para enfeite de senhoras, para guarnição de moveis e ornatos de sala; diversidade de flores, folhagens, arbustos artificiaes e plumas; lenços e camisas de cambraya de linho, com bordados de oiro e de linha; grande variedade de fitas ricas; as excellentes luvas do estabelecimento parisiense de *Jouvin Doyon* & *C.ª*, que exporta os seus productos para todos os paizes da Europa e da America; copiosa collecção de leques de luxo, com pinturas artisticas, da celebre fabrica de Paris de mr. *P. F. V. Alexandre*, alguns dos quaes custavam centenas de mil réis; vestidos ricos, e outros enfeites para senhoras, obra das mais acreditadas modistas de Paris; chapéos, toucas e toucados; botões de toda a especie; calçado para senhora e para homem, dos mais afamados sapateiros parisienses, entre os quaes figurava mad. *Veuve Barré*, com uma soberba collecção de escarpins, chinellas e sandalias bordadas a

oiro e a seda, sapatos, botinhas, etc.; coiros em relêvo e doirados para forrar moveis e casas, etc.

Tambem aqui se achava grande quantidade de productos chimicos, enviados pelos principaes laboratorios de Paris; e muita diversidade de instrumentos de physica, de chimica, de meteorologia e de outras sciencias. Vamos relacionar os instrumentos mais importantes que ahi appareceram, e os nomes e moradas dos fabricantes, por quanto podem interessar n'este conhecimento alguns dos nossos leitores. Extrahimos o seguinte do catalogo official:

«*Alvergniat (A. A.)*, passage de la Sorbonne, 20, Paris — instrumentos de physica, de chimica e de meteorologia, especialidades de tubos de Gessler muito variados. Total dos objectos expostos, 1:292.

«*Bardon (Pierre Gabriel)*, rue de Chabrol, 55, Paris — quatro lunetas astronomicas, de 150 a 2:300 francos, sendo a maior sobre pé articulado com todos os movimentos, e cadeia de Vaucanson, objectiva de quatro e meia pollegadas, e tres oculares celestes (aproximando 150, 200, 250 vezes), e tres ditos terrestres (aproximando 75 e 90 vezes); tres binoculos de marinha e de campo, de 60 a 190 francos; outros de theatro. de 20 a 280 francos.

«*Breguet (Louis)*, quai de l'Horloge, 39, Paris — telegraphos electricos, campainhas electricas, barometros aneroides, e outros instrumentos scientificos.

«*Collot frères*, boulevard de l'Enfer, 22, Paris — balanças e medidas de precisão, estojos completos de aferidor adoptados pelo governo francez, etc.

«*Deleuil (Jean-Adrien)*, rue du Pont le Lodi, 6, Paris — pesos e medidas metricas; balanças de precisão; machinas pneumaticas de êmbolo livre e movimento continuo, fazendo vacuo quasi absoluto (diametro da platina, cêrca de $0^{m},30$).

«*Digney frères* & *C.*e, rue des Poitevins, 8, Paris — telegraphos, campainhas e outros apparelhos electricos; telegraphos electricos portateis, chamados postos militares.

«*Duboscq (Louis Jules)*, rue de l'Odeon, 21, Paris — apparelhos de optica e de électricidade para as demonstrações nos cursos publicos: microscopio solar, e novo apparelho de projecção, podendo servir para o sol, para a luz electrica ou para a luz dos dois gazes; polyorama, ou quadros dissolventes, e lanternas magicas.

«*Bertoch (Auguste)*, rue Fontain S.t Georges, 27, Paris — instrumentos de optica, e apparelhos applicados aos telegraphos electricos; camaras obscuras automaticas, para obter, sem metter no foco, provas sobre vidros para amplificações, e estereoscopio; camara microscopica; apparelhos para obter estereoscopicas sobre vidro com collodio humido; megascopio para amplificar as provas respectivas; pára-raio de fios delgados, que por si proprios se substituem uns aos outros.

«*Hardy (E)*, rue de Sévres, 21, Paris — *balancier* e relogio electrico; galvanometros indicadores; chronographo (para a velocidade das balas de artilheria); apparelho Foucault para o calor entre dois polos de um iman; apparelho para traçar desenhos e escripta microscopica; anemometro curvo e outros instrumentos de precisão.

«*Maxwell-Lyte*, rue Pavée au Marai, 24, Paris — rytinimetro, instrumento para reconhecer a qualidade das resinas, gommas, etc.

«*Moltem (J.* & *A.)*, rue du Chateau d'Eau, 62, Paris — instrumentos nauticos, geodesicos, mathematicos e opticos.

«*Nachet* & *fils*, rue S.t Severin, 17, Paris — microscopios de todas as especies; monoculares e binoculares; ditos de bolso, etc.

«*Parent (Victor)*, rue S.t Louis-en-l'ile, 36, Paris — medidas lineares, e escalas de proporção, etc., em buxo, ebano, marfim e todos os metaes.

«*Perreaux (Louis Guillaume)*, rue Monsieur le Prince, 16, Paris — spherometro comparador, medindo exactamente $^{1}/_{2000}$ de millimetro; machina circular dividida em meios graus, com systema de fracções e parafuso tangente; machina para dividir rectas e para curvas; machina dynamometrica para medir a resistencia dos tecidos, fios e coiros de todas as especies.

«*Radiguet frères*, boulevard des Filles du Calvaire, 15, Paris — espelhos e vidros córados, com superficies planas e parallelas, para instrumentos (Unico em França).

«*Richard-Danger (Achille)*, quai de Conti, 3, Paris — alambiques, alcoometros, vidros graduados, thermometros, etc.

«*Ruhmkorff (Henri)*, rue des Maçons-Sorbonne, Paris — apparelho de inducção, tendo a bobina $0^{m},56$ de comprido por $0^{m},25$ de diametro do disco, e dando faiscas a $0^{m},45$ de distancia. É o maior que tem vindo ao Porto (1:500 francos).

«*Saleron (Jules)*, rue Pavée au Marais, 24, Paris — alambique de ensaios para analyse de vinhos.

«*Sautter (L.)* & *C.*e, avenue Montaigne, 37, Paris — pharol girante de quarta ordem, e sua lanterna; fogo de porto, e seu candelabro; pharoes de navio; grandes objectivas para photographia.

Secretan (Marc), place du Pont-Neuf, 13, Paris — theodolito repetidor, circulo repetidor, bussola eclimetro, nivel de Egault, regulador isochrono de Foucault, luneta meridiana, telescopio de Foucault, e lunetas.»

Concorreram tambem de Paris a este certamen nove expositores de apparelhos photographicos, e photographias, pela maior parte retratos de tamanho natural.

N'esta mesma nave expoz mr. *Blaise Boutems*, de Paris, dois objectos muito lindos e curiosos: um relogio e uma gaiola de passaros automaticos. Os passaros são beija-flores ou collibris, essas avesinhas tão pequenas quão gentis e formosas que se criam no Brasil, alimentando-se sómente do mel das flores. Estão perfeitamente embalsamados, e quando se dá corda no relogio ou na base da gaiola, saltam, agitam as azas, e cantam melodiosas cantigas, abrindo e fechando o bico como se estivessem vivos. O relogio, que tem varios passaros, custava 550 francos, e a gaiola, que encerra um só, tinha o preço de 450 francos. Esta ultima foi vendida no Porto.

Resta-nos fazer menção das magnificas alcatifas de lã, tapetes de oleado pintado e estampado, transparentes pintados a oleo para janellas, papeis pintados e doirados, de muito luxo, que se viam expostos pendendo das paredes da nave.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

UM ANJO NO PURGATORIO

(Vid. pag. 262)

II

O dia tinha rompido com todas as pompas melancolicas do outono; o ceo estava azul, mas de um azul desmaiado, por onde os olhos se alongavam saudosamente, e a que umas raras nuvemsinhas que fluctuavam faziam realçar a transparente alvura. Era domingo, tinha-me levantado cedo, contra costume; a conversação que na noite da vespera havia tido com Pedro fizera-me não sei que mysteriosas impressões no espirito. Pensava no que elle me havia contado, pensava sobre tudo n'aquelle poder indefinivel da *Somnambula*, que lhes fizera encontrar os olhares, que lh'os prendêra no mesmo enlêvo, para depois subitamente lhes fecundar na alma os germens de um desconhecido amor. O amor! como nasce? como se des-

envolve? por que varia? por que termina? como póde um olhar crear um mundo novo? como póde outro olhar submergil-o? Insondaveis abysmos! De que é feita essa melodia que provoca um incendio? que tem em si esses cantos d'onde os turbilhões se levantam? Seria Bellini o Lanciotto de Pedro? por que ha de a nota encerrar uma certa quantidade de fascinação? por que ha de um verso aclarar o infinito?

D'estas perguntas, que eu fazia a mim mesmo, saíam novas hesitações e novas lembranças. Pensava na historia de Francisca de Rimini, debuxava na mente aquelle grupo que o Dante viu caminhar como duas pombas alheadas no mesmo desejo, e puz-me então a murmurar:

«Per più fiate gli occhi ci sospinse
Quella lettura e scolorocci'l viso,
Ma solo um punto fu quel che ci vinse.»

Ao acabar de dizer a ultima palavra senti que me batiam á porta; era Pedro.

— Venho buscal-o, disse-me elle pondo o chapéo sobre uma cadeira, e apertando-me a mão com a mais cordial intimidade; sei que adora o campo no outono, vou para lá agora, e quero-o levar commigo. Lembra-se do que lhe disse hontem? Apresentar-lhe-hei a minha noiva; Julia tambem gosta de versos, o meu amigo é apaixonado pela musica, temos um vasto assumpto para distracções; verá que não perde o dia de todo.

— Acceito, e estou certo que passarei um dia maravilhoso. Só lhe peço um favor, aqui muito á puridade; é que não me denuncie. Fallaremos em tudo menos em versos; eu no campo gosto mais da poesia que se sente do que da poesia que se recita.

— Será o que quizer, não discutiremos sobre isso agora. Venha. Tenho lá em baixo uma sege, são nove horas, e o almoço está-nos a chamar ha muito. *Festinemus viam!*

Pozemos o chapéo, e descemos. Quando eu entrava para a sege dizia Pedro ao cocheiro: «Para Carnide.» Partimos.

Creio que o leitor me dispensará de lhe escrever uma odysséa commemorativa; de minha casa até á vivenda de Pedro nada houve que mereça as honras de capitulo; fizemos a jornada como se faz a bordo um quarto bonançoso: tempo fresco, horisontes largos, e alguma poeira na estrada. Quanto ao seguimento do navio, quer dizer, da sege que nos transportava, achei-o um pouco tardo, o que procedia dos cachorros da proa, vulgò, dos sendeiros que chouteavam. Afóra isto, nada mais ha que mencionar. Quando chegámos a Carnide tinham já dado dez horas.

Pedro apresentou-me a sua mãe, uma respeitavel senhora de cabellos brancos e de sorriso infantil nos labios, uma d'essas creaturas que envelhecem por fóra, mas que guardam sempre no peito uns restos da frescura da primavera, frescura adoravel, que é feita de innocencia e de bondade.

Serviram-nos o almoço; as janellas da casa em que estavamos diziam sobre um jardimsinho, ao fundo do qual se estendia um largo campo de semeadura. O jardim mostrava-se já um tanto privado das suas galas, as flores rareavam nos canteiros, e a ramaria das arvores de sombra começava a perder a sua luzente côr verde. Estavamos em principios de outubro; o véo do outono desdobrava-se, e envolvia pouco a pouco a natureza.

Sentia-me bem n'aquelle sitio, bem, desoppresso, estranho a tudo o que faz curvar a cabeça e revolver-se o coração; tragava a polmões cheios uma alegria indizivel, uma voluptuosa felicidade. Os olhos alongavam-se por aquelles horisontes fóra, e lá ao cabo as collinas enfumaradas contornavam-se indecisas no ceo. No papear das aves havia uns longes de tristeza, porventura um vago presentimento do inverno, que bem cedo as faria acoitar por entre os musgos das rochas ou nos esburacados troncos dos sovereiros.

— Que lhe parece este sitio? perguntou-me a mãe de Pedro, talvez para me arrancar á meditação em que eu caíra.

— Lindo, minha senhora; d'esta janella, principalmente, descobre-se um quadro admiravel. A felicidade habita no campo.

— Diga antes na alma.

— Seja assim, na alma; mas comprehendo que a mais affligida de todas as creaturas possa encontrar n'este sitio a melancolia, pelo menos; e v. exc. bem sabe que a melancolia é o doce extase dos desgraçados.

— Extase? talvez cançaço, não lhe parece?

— Vamos, interrompeu o meu amigo levantando-se e beijando a mãe affectuosamente, não viemos aqui para tristezas. Que importa o que seja a melancolia? uma palavra e nada mais. Está o ceo azul, no jardim ha sombra, poderemos ir para lá sentar-nos, tanto melhor. Eu sempre julguei que o campo era mais proprio para sorrisos do que para elegias; costumei-me a vêl-o pelo lado florido, pelo lado das rosas. Quando me ponho a esta janella, penso descobrir por debaixo de todas as arvores um gruposinho de pastores, d'aquelles de flauta agreste e verso na ponta da lingua, com que os nossos arcades recheiaram as suas eclogas carunchosas.

— Cuidado, senhor maldizente, não se profanam a esmo esses cadaveres. Olhe que nem a todos comeu a terra; de alguns sei eu que se transfiguraram.

— Sim, diz bem, replicou Pedro exaltando-se, transfiguração gloriosa, immortalidade incontestavel. Mas esses sobre cujo tumulo ajoelhâmos reverentes foram os que, partindo os laços da imitação antiga, presagiaram as alvoradas da renascença, verdadeiras estrellas matutinas que entreluziram a furto n'um horisonte encapotado pelas nenias plangentes ou pelas odes assopradas. Que fez Bocage, a alma de fogo? Succumbiu, bem o sei, succumbiu muitas vezes ao poder irresistivel do seculo, sacrificou aos falsos idolos; mas quando o estro se lhe desatava em turbilhões insoffridos, adeus Menalcas, adeus Tytiros embalsamados, ficae-vos á sombra das vossas faias, entalhando no tronco o nome das pegureiras, e deixae cantar o poeta, solto e livre, como a rajada canta nas folhas do pinheiral copado!

— Bravo, meu amigo; regala-me o seu enthusiasmo; o cantor de Hero e Leandro tem jus a taes palavras.

— Tem, sem dúvida; pois quem não vê nos proprios desregramentos da sua vida, nas tremendas exaggerações da sua musa, quem não vê a ancia indomavel do que forceja por abrir caminho e descançar em melhores paragens?... Hero e Leandro!... lembrou-me bem essa cantata; ahi tem uma perfeita imagem. Abydo é a arcadia, Sesto é a revolução litteraria; Bocage, como Leandro, estende para lá os braços e arremette com as tempestades.

«Eil-o, corre insoffrido ás ermas praias,
D'onde é seu uso arremessar-se ao pégo,
E, destro nadador, talhando as vagas,
Seus gostos demandar na opposta margem.

As vagas eram mais fortes do que elle, continuou Pedro, por fim levaram-n'o. Que tem isso? Em quanto os Albanos e os Josinos andavam pelas beiras do Tejo a fazer idyllios piscatorios, elle, o doido da *Pena de talião*, labutava contra o Oceano revolto.

— É exacto; Bocage teve só contra si a indole, a

natureza do seculo. Podémos consideral-o como um Byron transviado. Esta deslocação de talentos faz-me interrogar ás vezes a Providencia.

— E o que lhe diz ella? perguntou-me Pedro, mudando do tom exaltado para o faceto, e dando ás palavras uma certa inflexão de sarcasmo.

— Que me ha de dizer... nada. Deixa-me a parafusar no immenso muro que nos separa do desconhecido. N'este theatro do mundo, a ventura, ao que me parece, está em uma pessoa entrar a tempo; se vem cedo, tem que fazer o seu monologo de chapéo na mão, e de se recolher aos bastidores no meio da indifferença; se vem tarde, então cae-lhe o panno na cabeça. Bocage está no primeiro caso; adiantou-se alguns annos. A posteridade, se ainda hoje o admira, não é tanto pela observação do que elle foi, como pela intuição do que poderia ser.

N'este comenos, a mãe de Pedro, que nos havia deixado dissertar á vontade, voltou com um certo sorriso significativo nos labios. Pedro interpretou esse sorriso.

— Está lá fóra Julia?

— Chegou agora.

— Vamos, meu caro amigo, deixemos descançar os arcades.

Entrámos na sala; Julia estava, de feito, com sua mãe. Apresentaram-me, sentámo-nos, os ares do campo dissiparam de momento a timidez ceremoniosa, animou-se a conversação como que por milagre, chilreavamos na sala como as toutinegras no pomar, estavamos em desafogo. Julia era uma criança adoravel, digo criança, apesar dos seus vinte annos, porque em poucos semblantes se encontraria um tal viço, um tal frescor de anemone abotoada. Havia n'ella a suave morbidez da crioula, e aquella indolencia voluptuosa, que é, por assim dizer, a prostração de intimas luctas. Tinha o cabello castanho, o rosto, de um oval perfeito, fazia lembrar na sua pallidez, não a cera desbotada e fria, mas o marmore aquecido pelo fogo do genio. Por baixo d'aquella pelle fina e transparente girava um sangue escaldadiço e tempestuoso; sob aquellas pestanas bastas e avelludadas occultavam-se duas pupillas dardejantes. A boca, pequena e humida como um botão de rosa, entreabria-se n'um sorriso celestial; parecia que os labios não podiam conter em si os effluvios que subiam do peito. N'este conjuncto de graça e volupia nada havia de affectação, nem de anesthesias simuladas; Julia era, pelo contrario, ardente, de uma sensibilidade melindrosa, de um coração capaz de se confranger, como certas plantas, ao mais pequeno toque. As excitações interiores produzem sempre no corpo um quebramento suave. A mulher inquieta, alegre, buliçosa, de gesto rapido, de olhar volubil, que se move incançavel, que doideja sempre, cujo sangue está todo na vermelhidão das faces, e cujos impetos residem na loquacidade palreira, é como o passarinho indifferente que vae pelo campo fóra, de planta em planta, acordando os echos com os seus ruidos, mas sem lhes ensinar um unico gorgeio de amor; as mulheres como Julia são as pombas que se reclinam por entre as flores, que pedem ao sol um raio que as afague, e que parecem suspirar pela felicidade nos seus enternecidos arrulhos.

Vendo-a, comprehendi como Pedro, a alma rebelde tantos annos ao amor, podesse ter sido avassallado logo. Que infinito encanto não deveria ter tido aquelle primeiro olhar! como aquelle seio se dilataria sofrego! que fogo ethereo viria arraiar no azul d'aquella alma! A conversação proseguíra dando cada vez mais largas á familiaridade; pedi a Julia que tocasse alguma coisa; ella olhou para Pedro, levantou-se e foi sentar-se ao piano. Correu os dedos finos pelo teclado: eram as primeiras volatas do rouxinol que ensaia a voz para se desentranhar em melodias; depois começou a tocar a *Somnambula*.

Ó Bellini, ó divino artista, ó poeta melancolico, onde irias tu inspirar-te d'aquelles cantos, aprender aquellas plangentes notas? Tu não ensurdeces, não pedes ao ruido o effeito das tuas operas, não nos descarregas uma bateria de gammas, não nos embrenhas por entre os florões e laçarias corynthias, não nos fazes perder em meio dos tufos rossinianos; tu és simples como a natureza, profundo como o coração humano; no teu canto largo e *spianato* rebentam as flores de Ophelia, aquellas flores de que te adornaste, poeta, e d'entre as quaes soltaste o espirito sublime. Que te importava a ti, alma afinada pelos anjos, que te importava o bulicio da orchestra, o peso das instrumentações, a tempestade das vozes, o ramalhar dos coros? A tua alma era uma lagrima, que o fogo da inspiração fazia subir a Deus em fumos de uma saudade maviosa!

Julia traduzira admiravelmente a apaixonada tristeza d'aquelle canto; o piano soava para mim de uma maneira estranha, nunca sentíra uma commoção tão vaga. Por quê? Não o sabia então, não o sei agora; mas lembrava-me como que de um outro mundo em que tivesse estado, e aonde houvesse distinguido os mesmos sons e estremecido aos mesmos bafejos de felicidade.

Quando se levantou do piano estava ainda mais pallida; offereci-lhe o braço e conduzi-a para o sophá.

— Não, disse-me ella com um sorriso e dirigindo o olhar para Pedro; vamos antes para o jardim, não é verdade? O sol de hoje não queima, e a sombra d'aquella acacia lá em baixo é fresca em todas as horas. Venha, minha mãe, venha; Pedro disse-me ao ouvido que este senhor tinha para nos dizer coisas muito lindas, muito lindas... concluiu ella dando á voz um requebro gracioso e deitando-me um olhar obliquo.

— Pelo que vejo, Pedro desmascarou-me o incognito?

— No que praticou uma acção excellente, não concorda? Os poetas e os principes devem mostrar-se a claro; fica-lhes mal o fingimento. É preciso que toda a gente os conheça, para que toda a gente os acate. Lembra-se d'aquella historia em que um rei disfarçado em caçador foi dar á cabana de certo rustico? O pobre homem recebeu-o sêccamente, e tratou-o como de egual para egual. Depois, quando o rei se descobriu, que lastima que era ver o companheiro a desculpar-se envergonhado! Entende-me?

— Agradeço-lhe, minha senhora: a comparação é lisongeira em extremo, mas... acceito-a por amor da classe.

— Ah! este senhor é poeta! dizia a mãe fitando-me mais attentamente, como quem começa a medir a gravidade do interlocutor.

— Um pouco, minha senhora, um pouco; baptisaram-me com esse nome pomposo. Boas foram as mãos que me impozeram o sacramento; eu é que desconfio ter ficado sempre herege.

— Conhece então o Tolentino, aquelle maganão endiabrado que se entretinha em assoalhar os defeitos da gente? É um genero que faz rir, mas que molesta alguma coisa. O senhor não é dado á satyra?

— Nem por sonhos; detesto-a. Além d'isso, a nossa epocha é de tal modo sã e escorreita, que não sei contra quem possa desfechar-se um tiro.

— Contra os politicos chilros, exclamou Pedro, contra os barões...

— Esses já lá tem o seu calvario nas *Viagens na minha terra*.

— O que é ter a immortalidade...

— Do ridiculo.

— Nem mesmo essa elles mereciam, coitados!

(Continúa) E. A. VIDAL.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio